

**A arte como interlocutora: um debate sobre abordagens metodológicas para adiar o fim do mundo**

Anderson Costa  
Instituto Federal da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: anderson.costa@ifba.edu.br

Emili Conceição  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: emili.conceicao@uesb.edu.br

1514

**Palavras-chave:** Metodologia em Ciências Sociais. Arte. Crítica epistemológica

## INTRODUÇÃO

A presente proposta objetiva abordar o lugar da arte nos estudos das Ciências Sociais, nos provocando a pensá-la não só como um objeto de investigação, ou uma inspiração de bastidor, mas como indicativo de novas possibilidades metodológicas para adiar o fim do mundo.

Recorremos a algumas formulações de Ailton Krenak (2019), Gloria Anzaldúa (2000) e Conceição Evaristo (2017), a partir dos nossos processos de pesquisa e de um diálogo entre eles para formular uma crítica a relação sujeito/objeto e a uma possível neutralidade científica. Acreditamos que para adiar o fim do mundo é preciso ensaiar e experimentar novas formas de fazer pesquisa em Ciências Sociais, ou mesmo “reabilitar a velha “sensibilidade”, visto que estamos mais bem equipados para abordá-la do que os filósofos do século XVII” (Saada, p. 155, 2005).

Seja pela compreensão da estética do *reggae* Jamaicano enquanto um modo de superação de um mundo onde a morte social negra existe (Pinho, 2021) - através do diálogo com a ideia de *Escrevênvias* de Conceição Evaristo-, ou pela experimentação da travessia, de Guimarães Rosa (2019), no rio Paraguaçu, como metodologia de pesquisa, propomos contornar, no sentido de ligar pontos, realçar, o lugar da arte no fazer pesquisa, como mecanismo de promoção do bem viver e dos saberes que o compõem.

### Realização:



### Apoio:



## **METODOLOGIA**

Sendo esse texto feito a quatro mãos, fruto dos encontros e desencontros entre dois sujeitos, duas pesquisas e da relação com dois objetos de pesquisa, ensaiamos comparar as investidas metodológicas que fizemos individualmente nas nossas pesquisas, aproximando-as e distanciando-as através do papel que a arte desempenha nelas. Desse modo, ele apresenta uma dinâmica experimental, que surge do encontro das nossas inquietações e dos nossos desafios metodológicos colocados ao fazer pesquisa com a arte em Ciências Sociais.

Primeiro, propomos descrever o modo como as nossas pesquisas vem sendo conduzidas e como a arte aparece escapando da dimensão de objeto de investigação e assumindo o lugar de interlocução entre as teorias sociais e o campo empírico. Após descrever essa interlocução, objetivando caracterizá-la apresentaremos algumas reflexões comparando as nossas pesquisas e discutindo sobre como, ao transbordar os limites de um objeto de investigação e de um processo subjetivo de inspiração, a relação com a arte pode instituir o risco de ver o nosso projeto de conhecimento se desfazer (Saada, 2005). Por fim, discutiremos os desafios desse processo e como, em diálogo com a literatura de Ailton Krenak, Gloria Anzaldúa e Conceição Evaristo eles podem contribuir para adiar o fim do mundo, qualificando o que compreendemos como fim do mundo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Partimos da crítica às epistemologias ocidentais, que chama a atenção para a necessidade de novas abordagens epistemológicas, fortemente pautada pelas ideias de pós-colonialismo, decolonialismo e descolonialismo, como um meio de adiar o fim do mundo, e de que essa crítica está atenta para as relações de poder, dominação e para o lugar de pares conceituais como natureza/cultura, sujeito/objeto, Eu/Outro e indivíduo/sociedade na produção e reprodução de essencialismos e estereótipos (Ingold, 2012; Fabian, 2013; Kilomba, 2019; Mignolo, 2010; Mbembe, 2015; Quijano, 2006; Steil e Carvalho, 2014; Spivak, 2010 etc.), para encarar o modo

**Realização:**



**Apoio:**



como nos colocamos em contato com a diversidade de experiência humana e os diversos saberes que se relacionam com ela através da pesquisa em Ciências Sociais.

Se as epistemologias ocidentais, ao despontarem como um mecanismo de dominação e poder parecem nos levar ao fim do mundo, então a multiplicidade epistemológica, ao passo em que se vincula a diferentes formas de habitar o planeta Terra, parece acender uma luz no fim do túnel, sinalizando meios de adiar esse fim. Aqui, a diversidade da experiência humana é intrinsecamente vinculada a multiplicidade epistemológica e a alternativas para a vida. Então, como abordar essa multiplicidade epistemológica? Como fazer pesquisa em Ciências Sociais considerando esse pressuposto? É na arte que buscamos experimentar respostas para essas perguntas.

Diante disso, tomamos como elemento central de discussão o modo como ao compreendermos a arte como interlocutora de pesquisa em Ciências Sociais, são apontados tensionamentos às metodologias vigentes nesse campo de pesquisa, a partir das suas vinculações aos usos do par teórico-conceitual sujeito/objeto. Desse modo, desviamos um pouco o olhar para a crítica às epistemologias ocidentais e propomos pensar uma saída/crítica às metodologias ocidentais que se vinculam a esse projeto de conhecimento através da arte.

Argumentamos, a partir de uma pesquisa sobre a estética do *reggae* jamaicano, que a arte é mais do que um objeto de investigação das Ciências Sociais, seja pelo método de decupagem, ou pelas abordagens sócio-históricas e biográficas dos artistas e das obras. Portanto, os sentidos de compreensão da música, por exemplo, também são atribuídos pelas pulsões sonoras, que se apresentam de maneira ativa no processo de análise. Da mesma forma, ao pesquisar a travessia no rio Paraguaçu, a arte é também mais do que um meio de inspiração subjetiva para a escrita em Ciências Sociais, ela é uma possibilidade de imaginar, não no sentido de representação mental, mas sim no de buscar um caminho à frente, de expectar a continuação das coisas, de comparecer ao nascimento delas (Ingold, 2015).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

**Realização:**



**Apoio:**



Sendo essa uma proposta de caráter ensaístico, partimos de duas pesquisas realizadas individualmente, para encontrá-las em um movimento de convergência, possível pela presença da arte nos seus processos de execução.

Talvez a ideia de Antonio Bispo dos Santos de que a lei da confluência “rege a relação de convivência entre os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se ajunta se mistura, ou seja, nada é igual” (Santos, 2015, p.89), tenha aparecido aqui como um conselho durante a execução dessa proposta. Afinal, ao aproximarmos um estudo sobre o *reggae* jamaicano de um estudo sobre a travessia no rio Paraguaçu, estávamos sempre cientes de que nem tudo que se ajunta se mistura, guardando as proporções e peculiaridades de cada processo de pesquisa.

Porém, esse ajuntamento nos levou a pensar a arte como uma interlocutora de pesquisa capaz de desafiar os nossos projetos de conhecimento, colocando em xeque os limites entre a racionalidade e as emoções, o corpo e a mente e produzindo um imaginar de caminhos para adiar o fim do mundo.

## REFERÊNCIAS

AZALDÚA, Glória. Falando em Línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos Feministas*, Santa Catarina, v.8, n.1, p. 229-236, 2000.

Evaristo, Maria da Conceição. Entrevista concedida ao Nexo, no dia 26 de maio de 2017.

FABIAN, Johannes. *O tempo e o outro emergente*. In: FABIAN, Johannes. *O tempo e o outro: como a antropologia estabelece seu objeto*. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 39-70.

INGOLD, Timothy. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, 2015.

INGOLD, Timothy. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó. 2008.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

**Realização:**



**Apoio:**



# XV COLÓQUIO NACIONAL e VIII INTERNACIONAL do Museu Pedagógico da UESB

**À beira do abismo:**  
os caminhos da humanidade  
diante das ameaças  
de sua extinção

MIGNOLO, Walter. *DESOBEDIENCIA EPISTÉMICA*: retórica de la modernidade, lógica de la colonidad, y gramática de la descolonialidad. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010 (Coleção Razão Política).

MBEMBE, Achille. O tempo que se move. São Paulo: *Cadernos de Campo*, n. 24, p. 369-397, 2015.

PINHO, Osmundo. *Cativeiro*: antinegitude e ancestralidade. Salvador: Segundo Selo, 2021.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade e Modernidade-Racionalidade*. In: BONILLA, Heraclio. Os conquistados: 1492 e a população indígena das Américas. São Paulo: Editora Hucetec, 2006.

ROSA, Guimarães. *Grande Sertão*: veredas - “O diabo na rua, no meio do redemoinho...”. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SAADA, Favret. Ser Afetado. *Cadernos de campos*, São Paulo, n.13, p.155-161. 2005.

SANTOS, Antônio Bispo. Confluências x transfluências. In: Colonização, quilombos: modos e significações. Brasília, 2015, p. 89-104.

STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina. Epistemologias ecológicas: delimitando um conceito. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 163-183, 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104\\_93132014000100006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104_93132014000100006)>. Acesso em: jun. 2018.

SPIVAK, Gayatri ChakraVorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

1518

**Realização:**



**Apoio:**

